

Estudos em Design: origens e criação do primeiro periódico científico em design do Brasil

Design Articles: Origins and Creation of Brazil's First Scientific Journal in Design

6

Eduardo Camillo Kasparevicis Ferreira, Pesquisador Independente.
eduardo.ckf@gmail.com

Marcos da Costa Braga, FAU USP.
bragamcb@usp.br

Sydney Fernandes de Freitas, ESDI-UERJ.
sydneydefreitas@gmail.com

Resumo

O objetivo do presente artigo é identificar as prováveis origens e motivações para a criação da revista Estudos em Design, primeiro periódico científico da área de design no Brasil, e como ela se localiza no processo de institucionalização da pesquisa *stricto sensu* em design. Por meio de uma pesquisa de caráter histórico e a partir de fontes primárias documentais e relatos orais, entendemos que sua criação é parte de um movimento mais amplo de organização dos docentes pela AEnD-BR e de sua seção carioca, sendo assim um dos elementos constituintes desse processo ao lado de outros eventos, como o primeiro mestrado em design e o primeiro congresso científico.

Palavras-chave: Revista Estudos em Design, Pesquisa em Design, AEnD-Br

Abstract

This article aims to identify the likely origins and motivations behind the creation of Estudos em Design (Design Articles), Brazil's first scientific journal in the design field, and how it fits into the process of institutionalizing stricto sensu design research. Through a historical study utilizing primary documentary sources and oral accounts, we understand that its creation was part of a broader movement to organize faculty by AEnD-BR and its Rio de Janeiro branch. As such, it's a constituent element of this process, alongside other significant events like the first postgraduate program and the first scientific conference.

Keywords: Journal Estudos em Design, Design Research, AEnD-Br



Introdução

A revista Estudos em Design foi o primeiro periódico científico criado para a área de design no Brasil. Nasceu em 1993 como uma das atividades da seção estadual carioca da Associação do Ensino de Design do Brasil, denominada de AEnD–Rio. Sua criação é parte de um movimento mais amplo de organização dos docentes e da busca pela institucionalização da pesquisa *stricto sensu* em Design no Brasil entre os anos 1980 e 1990. Investigar as suas origens e criação é entender também o momento histórico de inflexão no qual a institucionalização dessa pesquisa em design começa a ocorrer, incrementando e consolidando mudanças na maneira como se gerava conhecimento em design e como o discutia no país. Portanto, o objetivo do presente artigo é identificar as prováveis origens e motivações da criação da revista Estudos em Design, e como ela se localiza no processo de institucionalização da pesquisa *stricto sensu* de design no Brasil. Como objetivo específico se pretende contribuir para a historiografia da pesquisa em Design no Brasil.

Trata-se de pesquisa qualitativa de cunho histórico circunscrita à História Social, com base em exploração de fontes primárias documentais e relatos orais. As quatro entrevistas semiestruturadas foram gravadas, seguindo procedimentos éticos e técnicos da História Oral (Alberti, 2005) e realizadas entre 2021 e 2022 com pessoas que participaram do processo de criação da revista. A análise e cruzamento das entrevistas e documentos segue as premissas da Histórias das Ideias conforme LaCapra (2012).

1. Primeiros movimentos para a institucionalização da pesquisa *stricto sensu* em design

Os movimentos para a institucionalização da pesquisa *stricto sensu* em design no Brasil deram-se ao longo de duas décadas até culminar naqueles que julgamos serem os quatro marcos fundacionais mais importantes: revista Estudos em Design (1993), mestrado da PUC-Rio (1994), Congresso P&D Design (1994), e Editora 2AB (1997). Em boa parte dessa trajetória, entretanto, a ideia de implementação de pós-graduação *stricto sensu* refletia um amplo desejo que se acreditava beneficiaria o campo, porém não ocorreram ações efetivas para sua institucionalização até fins dos anos 1980. Neste período, algumas pessoas, por motivos variados, buscaram a formação como pesquisadores por meio de programas internacionais ou nacionais de outras áreas do conhecimento, como Engenharia de Produção¹. Entretanto, esforços concretos

¹ Exemplos são João Bezerra de Menezes com mestrado em Engenharia de Produção pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ, (1976) e Vera Damazio com mestrado em Design Gráfico pela Boston University (1985).



institucionais ou da categoria docente para essa implementação foram quase nulos. Anamaria de Moraes relembra que uma das primeiras menções desse tema ocorreu em 1978, no Seminário “Desenho Industrial e Ensino”, quando talhou-se em seu relatório final uma determinação de construir um “(...) programa para formação de docentes e pesquisadores de alto-nível, a ser realizado em cinco anos (mestres e doutores)” (Moraes, 2003a). Essa ideia renova-se no 1º Encontro Nacional de Desenho Industrial (1º Endi), a partir do Grupo de Trabalho “Ensino de Desenho Industrial”, mesmo grupo de onde saiu a versão final do Currículo Mínimo de Desenho Industrial. No relatório final sugere-se uma definição de política de pós-graduação “(...) com o objetivo básico de promover uma melhoria do ensino de graduação (formação profissional)” (London *et al*, 1979). A questão da pesquisa e de especializações emergiu eventualmente em outros ENDIs e outros fóruns, como no 1º Encontro de Diretores das Escolas Superiores de Desenho Industrial no Brasil em 1984, onde propõe-se simultaneamente a criação de um Centro de Aperfeiçoamento de Docentes de Desenho Industrial (Caddi), e também a criação da Associação Brasileira de Ensino de Desenho Industrial (Abedi), sendo essa a primeira proposta para uma associação do campo exclusivamente dedicado ao ensino, mas que também não se concretizou naquele momento. Ressaltamos aqui que foram, no geral, movimentos que almejavam uma pós-graduação (que incluiria especializações) que se revertesse em prol do ensino da graduação em Desenho Industrial por meio do aperfeiçoamento docente.

O avanço significativo começou apenas em julho de 1988, com o Workshop “O Ensino do Design nos Anos 90” organizado pelo então Laboratório Associado de Desenvolvimento de Produto/Desenho Industrial de Santa Catarina (LDP/DI)². O workshop foi um marco para o campo por, dentre outros motivos, votar em plenária pela mudança do nome de Desenho Industrial para Design. Além disso, foi desse workshop que saiu a Carta de Canasvieiras, um documento discutido por cinco dias, redigido e aprovado por todas as 26 escolas presentes (Leon, 2014, p.116), que elegeu trinta e dois pontos que buscavam viabilizar uma mudança qualitativa no ensino do design brasileiro. Também foi votada e aprovada a criação da Associação Brasileira de Ensino do Design (ABED, readequado logo em seguida para ABEnD), agora focada em ser uma entidade dedicada a discussões e organização em nível nacional dos assuntos relativos ao ensino, com intenção original de ser a associação que mediará com o Ministério da Educação (MEC) todas as políticas nacionais de ensino.

Da carta, destacamos o ponto 27, onde novamente determina-se o início dos estudos para uma pós-graduação em Design:

² Posteriormente renomeado para Laboratório Brasileiro de Desenho Industrial (LBDI), sob a direção de Eduardo Barroso



Ponto 27: Recomenda-se a constituição de Grupo de trabalho, constituído principalmente de Pós-Graduados em design, para início dos estudos com vista à implantação de um curso de pós-graduação, à nível de mestrado, em design no país. Este curso deve ter como objetivo principal estabelecer bases teóricas para o ensino e a prática do design. Sugere-se que a ABED, com apoio do MEC, constitua esta Comissão (LDP/DI, 1989)

Por dificuldades logísticas para reunir todos os diretores da associação, que eram de diferentes estados, o início dos trabalhos da ABEnD foi conturbado. Apenas no final de 1992, no Encontro de Escolas de Ensino Superior de Design (Enesd) que ocorreu como evento paralelo à 2a Bienal Brasileira de Design em Curitiba, decide-se que a associação teria mais chances de sucesso se fosse inicialmente regionalizada. Funda-se, pouco tempo depois, a Associação de Ensino de Design de São Paulo (AEnD-SP), que em seu registro efetiva-se finalmente como AEnD-BR (Guilhermo, 1993, p.6-9).

2. Da AEnD-Br à AEnD-Rio, e o movimento pró-pesquisa no Rio de Janeiro

Tanto a 2a Bienal Brasileira de Design em 1992 quanto o Enesd motivaram muitas pessoas a irem a Curitiba, inclusive grupos oriundos do Rio de Janeiro. Os docentes presentes participaram das discussões sobre a regionalização da ABEnD. Segundo Guilhermo (1993, p.6):

[...] cientes da impossibilidade de retomar a ABEnD, parecia que a organização de Associações regionais, num primeiro momento, e posteriormente organização de uma Associação de âmbito nacional era a melhor solução para os problemas enfrentados ao longo do percurso.

Para viabilizar a reorganização, a diretoria da recém fundada AEnD-SP é empossada na entidade nacional que resultaria na AEnD-BR. Em paralelo, um grupo do Rio de Janeiro passou a se reunir inicialmente na Escola Superior de Desenho Industrial (EsdI) – e depois na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) – para discutir sobre uma proposta de uma seção regional carioca da ABEnD. O registro dessas reuniões encontra-se em Livro de Atas hoje de posse da Associação Estudos em Design, desde a primeira reunião em 23 de outubro de 1992 até o evento de lançamento do primeiro número da revista – funcionando, inclusive, como livro de assinaturas dos presentes no lançamento³.

Nos primeiros encontros desse grupo discute-se sobre maneiras de divulgação do ensino de Design; sobre conhecer melhor os professores cariocas por meio de um cadastro; sobre o oferecimento de oficinas de capacitação docente; e de possibilitar o intercâmbio de livros entre as bibliotecas das instituições cariocas. É interessante observar que, novamente, a maior parte das atividades são focadas em melhorar o ensino da profissão. Como colocamos anteriormente, foi recorrente até então que as

³ Agradecemos a Rita Couto pelo envio de cópia digitalizada de parte do Livro de Atas.

motivações ao redor da organização docente e da pós-graduação em Design estivessem ligadas às intenções dessa melhoria. Existem documentos e publicações suficientes⁴ que demonstram que desde os primórdios do ensino de Desenho Industrial, há certa insatisfação com sua pedagogia e a pouca efetiva ligação com a indústria nacional. A constante discussão sobre Currículo Mínimo e os recorrentes grupos de trabalho sobre ensino ao longo dos anos 1970 e 1980 endossam essa percepção. Freitas (1999) identifica muitos dos problemas que acometiam o ensino de Design ao longo dessas décadas, e dentre esses podemos destacar uma excessiva ênfase na práxis projetual no ensino (ou “pseudo-ativismo” como ele o chama), como se essa, baseada em um “aprender fazendo” espontâneo, fosse por ela mesma suficiente para um aprendizado satisfatório, a despeito de um ensino com melhores bases teóricas e reflexivas (Freitas, 1999, p.15). Entretanto, a criação desses fóruns e organismos, como a ABEnD, demonstram insatisfações variadas com o ensino. Porém, a partir do workshop de 1988 e da reestruturação da associação de ensino em 1992, mais docentes se filiam ao desejo de reverter esse quadro por meio da formação com pesquisas, o que impulsionaria as mudanças que ocorreram logo em seguida. Segundo Alfredo Jefferson de Oliveira (2021) a viagem ao Enesd, de 1992, possibilitou uma maior convivência entre os pares das escolas cariocas que deixou nitidamente evidente o interesse comum em promover um campo de pesquisa *stricto sensu* em Design. Oliveira afirma que mesmo a ideia de uma revista nasceu durante esse evento.

Os membros mais frequentes do grupo da AEnD-Rio nos primeiros meses de 1993 foram: Anamaria de Moraes⁵ (Esdi); Alfredo Jefferson de Oliveira⁶ (PUC-Rio); Cristine Nogueira⁷ (Faculdades Silva e Souza, FISS); Lucy Niemeyer⁸ (Faculdade da Cidade,

⁴ Costa (1965); Bomfim (1978); Souza (1996); Leite (2006); Ferreira & Braga (2016)

⁵ Graduada em História pela UFRJ (1965) e Desenho industrial pela Esdi (1980), mestrado em Engenharia de Produção pelo Instituto Alberto Luiz Coimbra de Pós-Graduação e Pesquisa de Engenharia (COPPE) da UFRJ (1983) e doutorado em Comunicação pela UFRJ (1992). Foi Professora da Esdi (1991-1996), e professora da PUC-Rio (1996-2012).

⁶ Bacharel em Desenho Industrial pela PUC-Rio, com mestrado (1987) e doutorado (2000) em Engenharia de Produção pela COPPE/UFRJ.

⁷ Graduação em Desenho Industrial pela Esdi (1981), mestrado (1981) e doutorado (2010) em Design pela PUC-Rio. Foi professora da Faculdades Silva e Souza até 1995, quando entrou para o quadro da PUC-Rio.

⁸ Graduação pela Esdi (1972), Mestrado pela UFF, e Doutorado em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP (2002). Lecionou na Faculdade da Cidade de 1988 a 1996, na PUC-Rio de 1995 a 2011, e na Esdi a partir de 2003.

FAC); Luis Claudio Belmonte⁹ (FISS); Luiz Antônio de Saboya¹⁰ (FAC e Esdi); Marcos da Costa Braga¹¹ (FISS); Rita Maria de Souza Couto¹² (PUC-Rio); e Vera Damazio¹³ (PUC-Rio). Alguns docentes participaram apenas da primeira reunião, e outros mais esporadicamente¹⁴.

Em paralelo aos encontros desse grupo, intensificaram-se os debates para a criação do primeiro Mestrado em Design do país. Segundo Oliveira (2021), houve um primeiro projeto capitaneado por Gustavo Amarante Bomfim¹⁵ em Campina Grande, de um mestrado nacional e interinstitucional, e que contava com o apoio do presidente do CNPq, Lynaldo Cavalcanti, mas que não chegou a avançar. A PUC-Rio fez uma primeira tentativa no início dos anos 1990, mas que não foi adiante por questões burocráticas relativas à inclusão de professores sem doutorado que seriam promovidos a livre-docentes, prática já extinta regimentalmente desde o ano de 1978. Um segundo projeto aconteceu em seguida, ainda por iniciativa dos professores da PUC-Rio, quando conduziram um Seminário interno, reunidos em Campos do Jordão, no início do ano de 1992, que durou três dias na casa de Luiz Antônio Luzio Coelho. Lá definiu-se um mote de trabalho conjunto: “Um por todos, e todos pela pós”. Construiu-se uma estratégia para conseguir ampliar o quadro de professores com doutorado, que até então eram apenas cinco, sendo que o mínimo seriam oito titulados. O grupo assumiu o compromisso de que todos os demais professores finalizariam os respectivos doutorados no prazo de 10 anos.

⁹ Graduado (1983) em Desenho Industrial pela UFRJ, e mestre (2003) em Engenharia de Produção pela COPPE/UFRJ, e então professor da Faculdades Silva e Souza.

¹⁰ Graduação em Desenho Industrial pela Esdi (1979), mestrado em Design pela Illinois Institute of Technology (1985) e doutorado em Artes Visuais pela UFRJ (2016). Atuava, então, no quadro docente da Faculdade da Cidade desde 1989, e da Esdi desde 1990.

¹¹ Graduado (1985) em Desenho Industrial pela UFRJ, mestre (1998) em Artes Visuais pela UFRJ e doutor (2005) em história pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Naquele momento era professor na FISS.

¹² Bacharel em Desenho Industrial pela PUC-Rio (1987), mestrado em Educação pela PUC-Rio (1991) e Doutorado em Educação pela PUC-Rio (1997). Atua na PUC-Rio desde 1988.

¹³ Bacharel em Desenho Industrial pela PUC-Rio (1980), mestrado em Design Gráfico pela Boston University (1985) e doutorado em Ciências Sociais pela UERJ (2005). É professora da PUC-Rio desde 1985.

¹⁴ O Livro de Atas cita Maurício Robbe (Esdi), Roberto Eppinghaus (Esdi), Silvana Miceli (Esdi), Ricardo Athayde (Esdi), todos presentes apenas na primeira reunião. Sydney Freitas (então docente da Fac. da Cidade) compareceu também em algumas outras reuniões.

¹⁵ Graduado em Desenho Industrial pela Esdi, concluiu mestrado pela COPPE/UFRJ em 1978, e doutorado em 1988 pela Bergische Universitaet Wuppertal, na Alemanha. Foi professor na Universidade Federal da Paraíba, de 1978 a 1995. Depois, professor na Universidade Federal de Pernambuco de 1996 a 1998, e finalmente professor da PUC-Rio de 1998 até 2005.

Uma terceira iniciativa, segundo Oliveira (2021), foi também da PUC-Rio com o intuito de firmar uma parceria com a Esdi para um Mestrado conjunto, mas que não se concretizou por divergências entre corpos docentes.

Nesse ínterim houve um crescimento do financiamento do Ministério da Ciência e Tecnologia para os programas de pesquisa da PUC-Rio, o que acabou por incentivar e financiar o surgimento de novos programas, dentre eles o de Design. Vera Damazio (2022) relata em entrevista que se percebia certa pressão velada da Reitoria Acadêmica para que o mestrado acontecesse, ainda que a quantidade de alunos da graduação tivesse crescido muito nos últimos anos, tamanho o peso desse financiamento federal. Desta forma, a nova proposta de mestrado na PUC-Rio é concluída em 1993, e em 1994 ele é iniciado.

Outros fatores podem ter composto o rol de motivações para se implementar um mestrado em design. Witter (1985) em seu estudo sobre a situação do ensino de desenho industrial no país, identificou nove professores com mestrado, três com doutorado e dois com teses independentes de docência, de um universo de 95 professores de 16 cursos. Esse índice aumentou até meados dos anos 1990. Em levantamento que considerou apenas designers de formação, Couto (1997, p. 113) encontrou 85 docentes atuantes nos 38 cursos de graduação em design existentes no Brasil, que tinham concluído teses ou dissertações até 1996. Essa titulação foi gradativamente sendo valorizada para quem queria se dedicar a carreira docente nos anos 1980, e nos anos 1990 os cursos superiores passaram a privilegiar cada vez mais os mestres e doutores para contratação, objetivando boa avaliação por parte do MEC nos processos de autorização e reconhecimento desses cursos.

As tentativas de implementação do Mestrado em design neste momento, no Rio de Janeiro, revelam que há um ambiente carioca favorável à institucionalização da pesquisa em design. Há professores interessados na organização local, com objetivos para além da melhoria do ensino, e há outros interessados em criar a pós-graduação stricto sensu em design. Lembramos que alguns docentes estão nos dois grupos. Em nenhum outro momento da história encontramos similar aderência, e a criação da primeira revista científica em design, portanto, é um dos elementos dessa movimentação.

3. A Estudos em Design

Os primeiros passos da revista decorrem, portanto, das reuniões de docentes no Rio de Janeiro interessados em fundar uma seção carioca da ABEnD. Esses encontros iniciaram-se em 23 de outubro de 1992, e a primeira menção a uma revista foi em 20 de novembro do mesmo ano, em reunião na PUC-Rio.

A ideia inicial é que a revista fosse ligada intimamente às escolas e ao tema do ensino, que até então se concebia ser esse a finalidade última de uma pós-graduação. Em reunião em 22 de janeiro de 1993, na Esdi, a revista ganha o nome de “Revista Carioca de Design”. Esse nome só viria a mudar em 02 de abril de 1993, em reunião na PUC-Rio, pois entendeu-se problemático o uso da palavra “carioca”. Rita Couto conta em entrevista (Couto, 2022) que foi Anamaria de Moraes que foi contra o nome, por ser localizado demais, e que, por esse motivo, poderia ser difícil angariar verbas para seu financiamento. Oliveira (2021) comenta que Itiro Lida também se opôs ao nome, por ser demasiado localizado, e isso não ajudaria na sua credibilidade.

Seu corpo inicial de nove editores foi formado por docentes da ESDI, PUC-Rio, FISS, e FAC, e eram aqueles mesmos docentes que se faziam presentes na maior parte das reuniões na PUC-Rio em 1993. Estas quatro instituições e mais a Universidade Federal do Rio de Janeiro, compunham o rol de cursos de design na cidade carioca no início dos anos 1990. Gostaríamos de destacar o nome de Anamaria de Moraes, pois é alguém que apareceu com frequência nas entrevistas (Braga, 2021; Oliveira, 2021; Damazio, 2022; Couto, 2022). Moraes foi um dos grandes motores desse grupo e das iniciativas em prol da pesquisa em Design. Observamos que, naquele momento, Moraes era a única entre os 9 editores que tinha concluído seu Doutorado e viera de uma primeira graduação no campo da História antes de ingressar na Esdi para formar-se bacharel em Desenho Industrial em 1980. Ou seja, vinha de um campo com longa tradição de pesquisa. Anamaria de Moraes seria fundamental para a criação do Congresso P&D Design, e poucos anos depois, em 1996, deixaria o cargo de professora na Esdi – ainda sem programa de pós-graduação – para ingressar como docente na PUC-Rio e ser pesquisadora de seu mestrado em Design.

O primeiro Conselho Editorial da revista foi montado, em sua maioria, a partir de contatos dos membros do corpo editorial. Não há registro de quantas pessoas receberam convites para integrar esse Conselho. Devemos lembrar que em 1993 não havia um meio de comunicação como a internet, e as mídias específicas sobre o meio acadêmico do design no Brasil eram impressas e bem restritas. Não se sabia ao certo quantos docentes dos cursos de design tinham concluído doutorado, um dos critérios para ser convidado. Entretanto, alguns membros foram incluídos mesmo não possuindo ainda essa titulação como Gui Bonsiepe e Luiz Carlos Velho, com tese em andamento. A presença do estadunidense Victor Margolin expressava o desejo de internacionalização do corpo de avaliadores. Dos 23 integrantes, 13 atuavam na cidade do Rio de Janeiro. Os demais docentes eram de universidades de Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Paraíba, São Paulo, Amazonas e Pernambuco (Estudos em Design, 1993, p.5).

O perfil editorial da revista em seu primeiro volume não abarcava apenas artigos científicos. Desde sua concepção, a intenção foi abrir espaços também para comunicados institucionais e informes do campo do design. Os centros acadêmicos dos estudantes dos cinco cursos cariocas publicaram mensagens sobre suas atividades, e cada um desses cursos participou com textos sobre suas origens ou suas características curriculares. Se pretendia que houvesse uma participação regular dessas escolas cariocas por meio de “um artigo sobre a escola, um artigo genérico, um artigo sobre uma pesquisa, um artigo sobre ensino”, além dos textos dos estudantes (Estudos em Design, 1993, p.5). Os artigos foram solicitados às escolas e a algumas pessoas específicas, mas todos eram do Rio de Janeiro. A intenção era viabilizar em tempo hábil a publicação do primeiro número. Se entendia que não havia ainda uma produção de artigos científicos suficiente para a submissão e nem um costume de boa parte do campo em escrevê-los para publicação em periódicos dessa natureza. A partir do número dois, se pretendia convidar ao menos duas escolas de outros estados para participar, e que essas seriam diferentes a cada edição¹⁶. Além destes artigos das escolas, o objetivo era ter sempre “um artigo de fundo, um artigo de autor estrangeiro,”¹⁷ um artigo sobre a profissão, um artigo sobre área correlata ao design e uma resenha (idem). Não há resenha neste número um, e os textos classificados como artigos eram curtos entre 2 e 6 páginas, sendo o maior de Anamaria de Moraes que já era uma das docentes de maior produção de textos na época. Os temas não tinham muita diversidade e tratavam de interface e computação, *Kitsch*, ensino de projeto, análise de produtos e de cursos. Todos os artigos submetidos foram avaliados e muitos tiveram revisões solicitadas pelo Conselho Editorial.

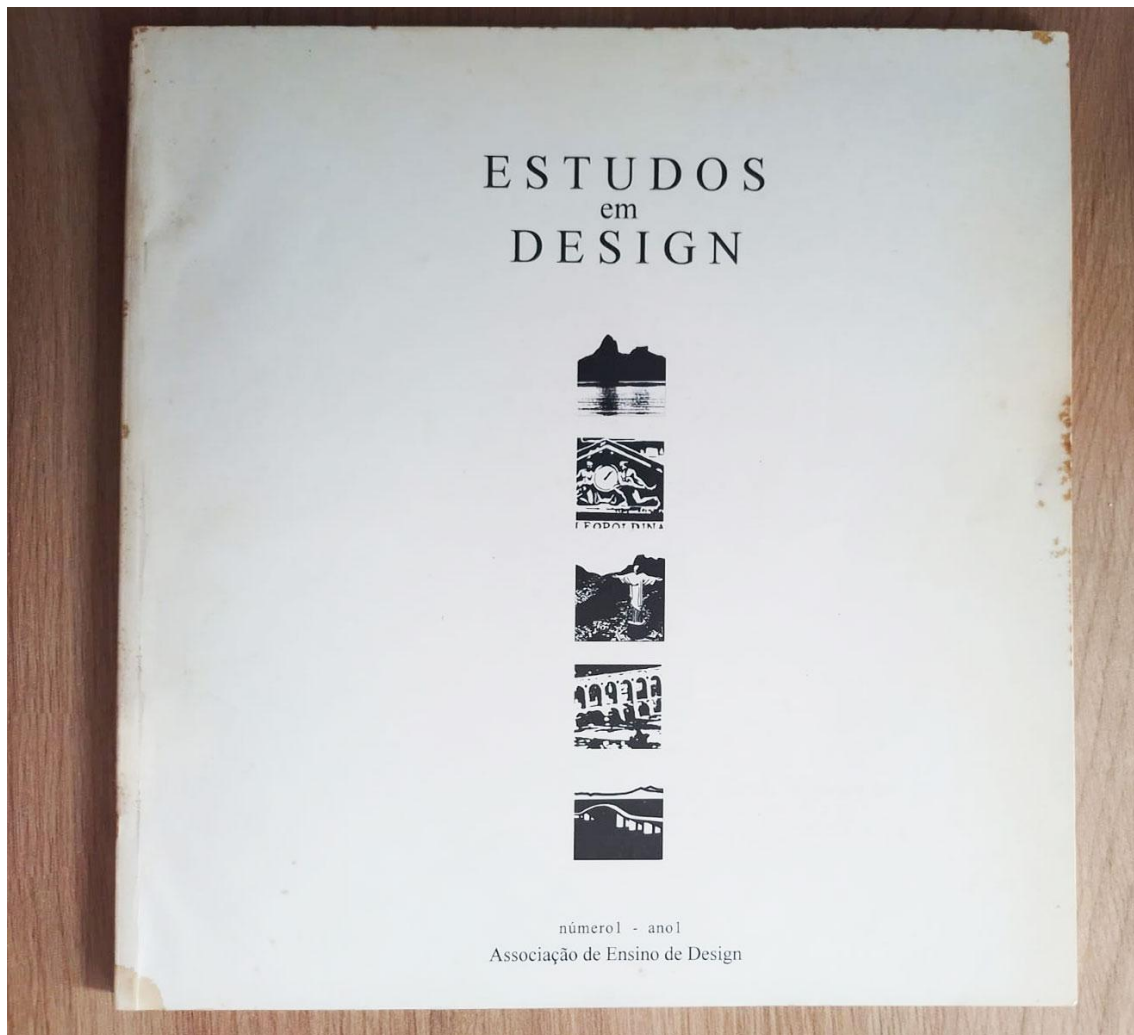
É sintomático das dificuldades que se apresentavam na captação de textos, o fato de que no editorial se informa que a revista seria quadrimestral, porém na chamada para o 2o número, no mesmo ano, ela é apresentada como semestral.

Neste período, o auxílio editorial do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) à periódicos científicos só era disponibilizado a partir do terceiro número. Portanto, as duas publicações iniciais deveriam ser feitas com outros recursos. O número um foi viabilizado por anúncios pagos ou oferecidos em troca de serviços.

¹⁶ Ata da AEnD-Rio, de 02 de Abril de 1993. Estudos em Design. Livro de Atas de Reuniões.

¹⁷ Nesta primeira edição, essa posição era de Margolin com um texto adaptado de seus escritos e que foi intitulado como ‘A necessidade de Estudos de Design’. Não se referia a revista da AEND-Rio, mas o título foi bastante sugestivo para com o surgimento da revista.

Figura 1: Capa do número 1 da Revista Estudos em Design.



Fonte: Acervo de Marcos da Costa Braga

A primeira publicação foi lançada em 25 de agosto de 1993, no centro da cidade do Rio de Janeiro, nas dependências do Instituto Brasileiro de Arte e Cultura (IBAC), que tinha englobado a Fundação Nacional de Artes (Funarte) em 1990, no governo Collor. Assinaram a lista de presença do evento 139 pessoas. Compareceram docentes, estudantes e profissionais do Rio de Janeiro e alguns docentes externos como Álvaro Guilherme e Ivens Fontoura, professor da UFPR e organizador da Bienal de 1992 (Figura 2).

Figura 2: À esquerda, Álvaro Guillermo e Ivens Fontoura no dia do lançamento do número 1 da revista.
Na foto da direita, Lucy Niemeyer, e Anamaria de Moraes.



Fonte: Acervo de Marcos da Costa Braga

O Número 2 só saiu em 1994, com tiragem de 1000 exemplares, e manteve as mesmas categorias de textos. A chamada de trabalhos para submissão, distribuída em 1993, informava o limite máximo de páginas para cada tipo de artigo: institucional 02 págs., sobre ensino 04 págs., sobre pesquisa 05 págs., artigo genérico 03 págs. e 01 pág. para cada centro acadêmico. Porém, a FISS não publicou o texto institucional e não houve os comunicados dos estudantes e nem a seção de informe. O curso de design da Fundação Mineira Aleijadinho (Fuma), é o primeiro de fora do Rio de Janeiro convidado a participar da revista, e o faz com um artigo institucional e dois dos doze artigos submetidos e aprovados pelo Conselho. Entre esses, alguns alcançaram 8 páginas, o que indicava que os textos poderiam ter mais conteúdo, e apenas três artigos tratavam de ensino (de fotografia e ergonomia). O que sinalizava que era possível uma produção maior de reflexões ou frutos de pesquisas. Isso pode ter sido um dos fatores que incentivou o corpo de editores a propor a criação do P&D Design, como um evento científico do 1º Congresso Brasileiro de Design (1º CBD), organizado pela AEnD-BR e a Associação Nacional dos Designers (AND). No final da publicação, a chamada de trabalhos para o próximo número menciona apenas que “os artigos não devem ultrapassar 4 laudas” (Estudos em Design, jul 1994, p. 112), não especificando categorias diferentes de artigos como na chamada de 1993.

O 1º CBD tinha como objetivo congrega todas as entidades de design do país (Estudos em design, 1994, p. 8) incluindo associações profissionais, professores, escritórios e entidades estudantis. De certo modo era uma tentativa de instaurar um fórum nacional da categoria, como tinha sido os ENDI's nos anos 1980. Esse congresso foi anunciado no 2º número da revista, mas não o P&D Design. A ideia de um evento

científico como parte do 1o CBD foi gestada pelos editores da revista a partir do convite da AEnD-BR para um evento sobre ensino de design como uma das atividades do CBD. Anamaria de Moraes foi quem inicialmente defendeu a criação de um evento dedicado à apresentação da produção de pesquisas e projetos, o que logo foi abraçado pelo corpo editorial da Estudos em Design (Braga, 2021).

Assim nasceu o P&D Design que foi organizado pela revista em 1994 e causou impacto no meio acadêmico e nos destinos do periódico. Em sua primeira edição foram apresentados 55 trabalhos de 77 pessoas representando 24 instituições de ensino e pesquisa, integrando pesquisadores de oito estados brasileiros e alguns internacionais. Apesar da significativa presença de trabalhos do Rio de Janeiro, local onde se tinha iniciado o primeiro mestrado em design do país, se constatava e se conheciam as pesquisas de outros estados. Era a primeira vez que se reuniam tantos pesquisadores para apresentar e discutir especificamente pesquisa em design, e se tinha um certo panorama da sua produção e do seu potencial no Brasil. Os anais deste P&D Design foram publicados como o terceiro número da revista, devido à concentração de esforços que o seu corpo editorial empreendeu para a realização do evento, e possivelmente para facilitar que a produção acadêmica fosse direcionada para o sucesso do Congresso. O fato do P&D Design ter funcionado como um fórum nacional de debates sobre pesquisas e o fato da revista ter sido indexada no Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) contribuíram para um processo de mudança do perfil editorial da revista.

A quarta edição da Estudos em Design, publicada em 1995, contou com o incentivo financeiro do programa de Apoio Publicações Científicas do CNPq e da Financiadora de Estudos e Projetos, FINEP. Neste número não há mais a estrutura de artigos obrigatórios de cada escola carioca de design. Não se fala mais das categorias de artigos dos números anteriores. Só há um tipo de artigo a ser avaliado pelo Conselho Editorial e que agora precisa ter no mínimo 6 laudas e no máximo 16 laudas. A intenção é que houvesse um “maior aprofundamento dos temas tratados” (Estudos em Design, jul 1995, p.7). Dos 11 artigos aprovados e publicados, quatro são de pesquisadores de quatro instituições externas ao Rio de Janeiro. É inserida no final uma seção intitulada ‘Comunicações’ para divulgar eventos acadêmicos, pesquisa em andamentos e projetos, mas não traz notícias em geral do campo do design. Se firmava a partir daí a identidade de periódico científico nacional, filiada à associação nacional de docentes. E o grupo de professores cariocas que até então empreendia outras ações previstas na constituição da seção carioca da AEnD-BR, passou a ter foco na continuidade da revista e a se constituir apenas como corpo de editores com oito membros. Em 2009, a revista passou

a ser em formato digital, se consolidando como o mais antigo periódico científico de design do Brasil.

4. Considerações finais

Considerando os dados apresentados, entendemos que a institucionalização da pesquisa em design deu-se em um momento que foi possível vencer aquela inércia do ‘bom desejo’ por uma pós-graduação *stricto sensu* que imperava nos anos 1970 e 1980. Nos parece que alguns catalisadores colaboraram para que isso acontecesse: a rearticulação da ABEnD/AEnD-BR em 1992; o encontro e trocas interinstitucionais entre os docentes no Rio de Janeiro; uma certa pressão institucional por parte da PUC-Rio por uma pós-graduação em Design, que refletia um quadro geral no ensino superior de valorização da carreira docente via titulação e busca por qualificar as avaliações do MEC sobre o corpo docente das graduações. Somamos a isso, alguns agentes específicos que tiveram vivência em outros campos de pesquisa – parafraseando o artigo de Moraes (2003a), que tinham vivido “na própria carne” o papel e o efeito da pesquisa *stricto sensu* sobre o ensino, e do quão importante seria replicar isso no Design. Acreditamos que a percepção de que o ensino de design estivesse aquém do que poderia ser, por si só, não tinha sido até então o suficiente para ser catalisadora da institucionalização deste tipo de titulação em Design. Na prática o que se efetivou até início dos anos 1990, dentro do campo do design, para tentar melhorar o ensino foram as revisões curriculares e a oferta de cursos de aperfeiçoamento projetual para graduados e especializações, que eram entendidos como pós-graduações satisfatórias para a requalificação docente. Observamos que majoritariamente as pesquisas desenvolvidas nestas instâncias possivelmente eram de pesquisas aplicadas à práxis projetual.

A conjuntura do meio acadêmico do início dos anos 1990, proporcionou mudanças que possibilitaram que agentes favoráveis ao outro nível de qualificação docente e de geração de conhecimento em design, pudessem finalmente institucionalizar a pós-graduação *stricto sensu*. Assim, nos parece que a criação da revista Estudos em Design é um componente desse processo que se iniciou com a organização docente em 1988, diante da implementação do novo currículo mínimo em 1987. O desenvolvimento da revista que visava falar das escolas, do ensino, dos centros acadêmicos etc. para uma revista efetivamente focada em artigos científicos reflete, em nosso entendimento, um amadurecimento da maneira como o próprio campo acadêmico passa a buscar a qualificação docente e que tipo de pesquisa será realizada para gerar conhecimento: aquela que se aproxima dos métodos científicos da formação *stricto sensu* e na qual há uma desvinculação de aplicação imediata no projeto, se amplia a reflexão sobre a

atividade do design em todas as implicações na sociedade e que vai ressoar no ensino por outras vias – na disponibilização de reflexões e conhecimentos e pela própria participação de pesquisadores como professores nas graduações.

Neste cenário, há a necessidade de divulgação desse produto teórico e a demanda das instituições por publicação docente (como item de avaliação dos cursos), tornaram a existência de periódicos científicos em design um dos elementos essenciais para a consolidação da institucionalização da pesquisa em design que resulta da formação *stricto sensu*. A única outra revista de design existente neste momento era a *Design & Interiores* que não possuía este caráter e nem finalidade. A *Estudos em Design*, surgiu para preencher este espaço nesse processo e desde sua criação ocupou um lugar peculiar. Foi a primeira de seu gênero no país; criada por agentes que incluíam entre eles participantes na implementação de organismos inéditos e centrais para o novo cenário de pesquisa em design institucionalizado (o primeiro mestrado e o primeiro congresso científico); passou rapidamente de uma origem local para uma abrangência nacional (incluindo a formação do Conselho Científico) e se caracterizou durante um bom tempo como a revista da associação de docentes que teve atuação destacada até o início dos anos 2000. Sua trajetória foi coroada quando se tornou, há alguns anos, o primeiro periódico científico específico de design a receber o Qualis A1 pela CAPES.

Referências

- ALBERTI, Verena. **Manual da História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2005
- ASSOCIAÇÃO ESTUDOS EM DESIGN. **Livro de Atas de Reuniões**. Rio de Janeiro: Associação Estudos em Design.
- BOMFIM, Gustavo Amarante. **Desenho industrial: proposta para reformulação do currículo mínimo**. 1986, 130 f. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, programa de Pós-Graduação de Engenharia.
- BRAGA, Marcos da Costa. Entrevista cedida a [Autor]. [S. l.: s. n.], 2021. 1 recurso online (61 min).
- LDP/DI. Carta de Canasvieiras, in **Jornal do LDP/DI**, 1989
- COUTO, Rita Maria de Souza. Entrevista cedida a [Autor]. [S. l.: s. n.], 2022. 1 recurso online (123 min).
- COUTO, Rita Maria de Souza. **Movimento interdisciplinar de designers brasileiros em busca de educação avançada**. Rio de Janeiro, Educação PUC-Rio, Tese de Doutorado, 1997.
- COSTA, Orlando Luiz de Souza. O ensino do desenho industrial no Brasil: notas para uma discussão (texto avulso e incompleto). In: **I Seminário de Ensino de Desenho Industrial – 2ª etapa**, 1965. Rio de Janeiro: s.n., 1965
- DAMAZIO, Vera. Entrevista cedida a [Autor]. [S. l.: s. n.], 2022. 1 recurso online (40 min).



ESTUDOS EM DESIGN. **Revista Estudos em Design**. Rio de Janeiro: AEND-Rio. V.1 n.1 (ago) 1993. Quadrimestral.

ESTUDOS EM DESIGN. **Revista Estudos em Design**. Rio de Janeiro: AEND-Rio. Ano II, v.1 Julho 1994. semestral.

ESTUDOS EM DESIGN. Anais do P&D Design 94. Revista Estudos em Design. Rio de Janeiro: AEND-Rio. Ano II, v.2 novembro 1994b.

ESTUDOS EM DESIGN. **Revista Estudos em Design**. Rio de Janeiro: AEND-Rio. Vol. III, N.1 Julho 1995. Semestral.

FERREIRA, Eduardo Camillo K; BRAGA, Marcos da Costa. Primeiro Seminário de Ensino de Desenho Industrial de 1964/1965: o primeiro debate entre instituições. **Estudos em Design**. Belo Horizonte: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo. Disponível em: <https://doi.org/10.5151/despro-ped2016-0025>.

FREITAS, Sydney Fernandes de. **A influência de tradições acrílicas no processo de estruturação do ensino/pesquisa de design**. 1999. 429 f. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) – COPPE, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1999.

GUILHERMO, Álvaro. Associação de Ensino de Design: História e Futuro - da ABED à AEnD-BR. ESTUDOS EM DESIGN. **Revista Estudos em Design**. Rio de Janeiro: AEND-Rio. V.1 n.1 (ago) 1993. p. 6-9

LACAPRA, Dominick (1980). Repensar la historia intellectual y leer textos. In: PALTÍ, Elías José (org.). **Giro lingüístico e historia intellectual**. Bernal: Universidad Nacional de Quilmes, 2012, p. 237-293

LEON, Ethel. **Canasvieiras, um laboratório para o design brasileiro: a história do LDP/DI e LBDI 1983-1997**. Florianópolis: [s.n.], 2014.

LONDON, Valéria Munk; NASCIMENTO, João Roberto; AKAMATU, Sérgio; BOMFIM, Gustavo Amarante. **Minuta de Resolução que fixa os conteúdos mínimos para Curso de Desenho Industrial**. Rio de Janeiro, 1979

MORAES, Anamaria de. Eu estava lá, vi, vivi e sofri na própria carne, como foi difícil o nascimento e a maturidade da pesquisa em design no Brasil (1). In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE PESQUISA EM DESIGN, 2., 2003, Rio de Janeiro. **Anais [...]**. Rio de Janeiro, 2003a. 1 CD-ROM.

MORAES, Anamaria de. Como foi difícil o nascimento e a maturidade da pesquisa em design no Brasil, eu estava lá, vi, vivi e sofri na própria carne (2). In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE PESQUISA EM DESIGN, 2., 2003, Rio de Janeiro. **Anais [...]**. Rio de Janeiro, 2003b. 1 CD-ROM.

OLIVEIRA, Alfredo Jefferson de. Entrevista cedida a [Autor]. [S. l.: s. n.], 2021. 1 recurso online (120 min).

SOUZA, Pedro Luiz Pereira de. **ESDI: Biografia de uma idéia**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1996.

LEITE, João de Souza. De costas para o Brasil: o ensino de um design internacionalista. In: MELO, Chico Homem de. (Org.). **O design gráfico brasileiro: anos 60**. 1a.ed. São Paulo: Cosac Naify, 2006, v., p. 252-281.

WITTER, Geraldina Porto. **Desenho industrial: uma perspectiva educacional**. São Paulo, CNPq/Coordenação Editorial, 1985.



Sobre o autor

Eduardo Camillo Kaspereviciis Ferreira

Doutor em Design pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, Mestre e Bacharel em Design pela mesma instituição. Atua como pesquisador de História do Design, com interesse em história do ensino, pesquisa e campo profissional do Design.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6900-186X>

Marcos da Costa Braga

Graduado em Desenho Industrial pela UFRJ (1985), mestre em Artes Visuais pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1998) e doutorado em História pela Universidade Federal Fluminense (2005). É professor aposentado e Professor credenciado no Programa de Pós-graduação em Design, PPGDesign da FAU, Universidade de São Paulo.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0978-2550>

Sydney Fernandes de Freitas

Doutorado (1999) e Mestrado (1991) em Engenharia de Produção pela COPPE/UFRJ e graduação em Desenho Industrial pela PUC-Rio (1981). Atualmente é Professor Associado-DE da ESDI/UERJ - Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4635-2170>